

MUSEU AO VIVO

ANO XV - nº 26 • JANEIRO/2004 A JANEIRO/2005 • INFORMATIVO DO MUSEU DO ÍNDIO • FUNAI



Índios Wajãpi visitam a exposição sobre o seu povo no Museu do Índio



padrão gráfico - Tue-tue Wajãpi/1983

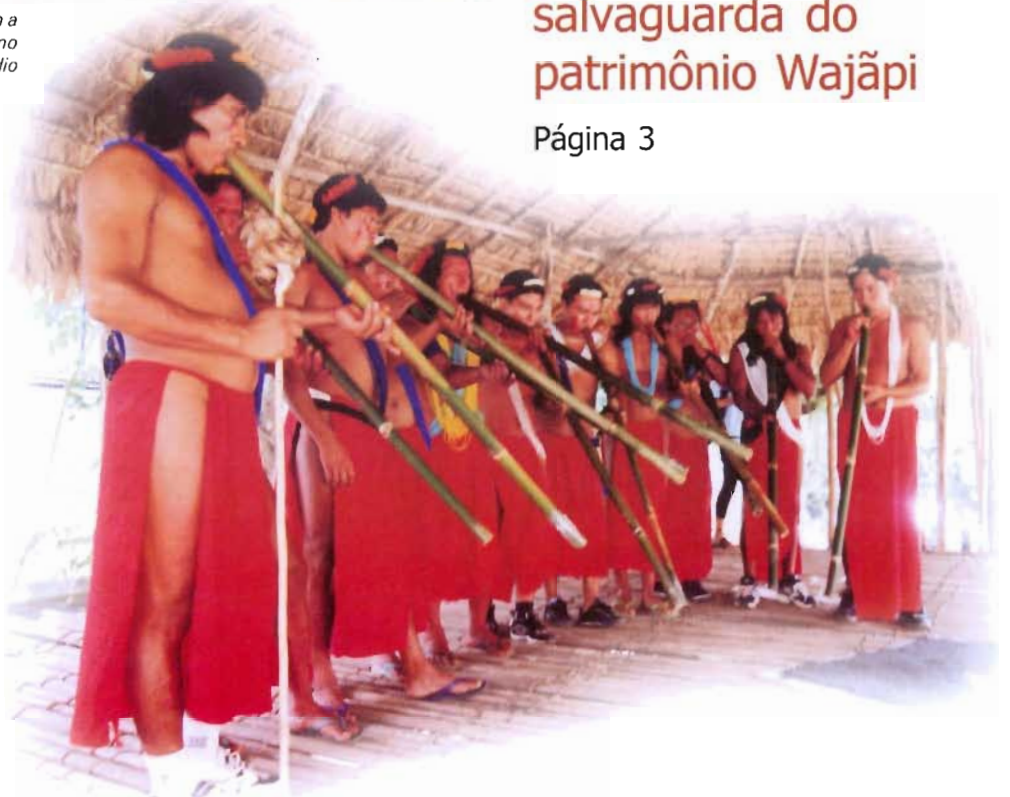
ENTREVISTA

Unesco garante plano de salvaguarda do patrimônio Wajãpi

Página 3



Boneca Karajá



PESQUISA

Museu do Índio desenvolve tesouro sobre cultura material

Página 4

INFORME

Vitae patrocina acondicionamento de acervo do Museu do Índio

Página 4

ISSN 1678-1309



9771678130122

Com 14 anos de existência, o jornal *Museu ao Vivo* abre mais um ano de trabalho cumprindo o seu papel de divulgador das atividades do Museu do Índio. A publicação tem como pretensão continuar, em 2005, funcionando como um canal entre escolas, universidades, instituições e organizações.

Nesta edição, vocês vão conhecer o plano de salvaguarda para os Wajãpi do Amapá que tem como objetivo mobilizar a comunidade Wajãpi e torná-la apta à pesquisa e ao reconhecimento de sua riqueza cultural.

O jornal traz, ainda, a programação da instituição para 2005 e, na seção Pesquisa, aborda o Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil. Este representa uma ferramenta para o tratamento e a recuperação da informação sobre a cultura material das etnias indígenas.

Boa leitura e até o próximo.

Assessoria de Comunicação Social

O que vem por aí

Abril

Exposição audiovisual sobre os Xavantes (MT)

Julho e agosto

Exposição e Seminário sobre Patrimônio Imaterial, enfocando os índios do Norte do Pará e Amapá

Outubro

Exposição e Seminário sobre Patrimônio Imaterial

Novembro

Exposição sobre os povos indígenas do Oiapoque

2005 no Museu do Índio

O ano de 2005 promete ser de muitas atividades no Museu do Índio. Novas exposições e atividades especiais para as escolas já estão marcadas em sua programação.

A exposição "Tempo e Espaço na Amazônia: Os Wajãpi", exposta na galeria principal do Museu, apresenta objetos, sons, imagens e conhecimentos que integram o patrimônio cultural deste povo indígena do Amapá, incluindo técnicas artesanais, estilos decorativos e modos de ver e de pensar o mundo.

Durante o passeio pelas nove salas da mostra, o visitante conhecerá, primeiramente, as festas, os mitos, as relações entre o mundo visível e o invisível, além de mais alguns elementos selecionados que revelam a riqueza das cosmologias e as formas de expressão dos índios da Amazônia. Em seguida, poderão conhecer através de desenhos, mapas, fotos e vídeos, os usos que os Wajãpi fazem dos ambientes da floresta, mostrando a divisão de tarefas feitas entre homens, mulheres, adultos e crianças. Por

da mostra Lux Vidal que discutirá com os índios o conceito de exposição.

São fotos, vídeos, objetos – cerâmica, cestaria e escultura -, gráficos, mapas e instalações. A atração é a instalação de uma casa típica dos povos indígenas do Uaçá. Os visitantes terão a oportunidade de conhecer as pesquisas relativas à gestão ambiental na região norte do Amapá. Através de fotos, plantas e textos, o público poderá também obter informações sobre o Museu Koahi dos Povos Indígenas do Oiapoque.

Atividades especiais para escolas trazem crianças ao museu

Mas as atividades não param por aí. O Museu do Índio também oferece uma programação especial para as escolas. Voltado para o público de 3 a 7 anos, a "Exposição virtual: Maruá Wajãpi na Aldeia do Macaco Pendurado" exibe, através de contação de histórias, imagens sobre o cotidiano de um menino Wajãpi, em sua aldeia no Amapá. As crianças de 2ª a 4ª série do Ensino Fundamental assistem cenas do vídeo "Das Crianças Ikepang para o mundo", seguidas de comentários e discussões. E, por fim, os estudantes de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental podem presenciar,



Sala dos Conhecimentos da mostra sobre os Wajãpi (AP)

fim, o visitante terá ainda a oportunidade de visitar uma casa indígena Wajãpi, construída por eles mesmos, que se encontra nos jardins do museu. Além da arte Kusiwa, padrões gráficos utilizados para a pintura corporal e para decoração de artefatos, recentemente premiada pela Unesco como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

Índios do Oiapoque também marcam presença no museu

Em novembro, no espaço Museu das Aldeias, o Museu do Índio promove a exposição sobre as expressões culturais dos povos indígenas do Oiapoque. As etnias Karipuna, Palikúr, Galiby do Oiapoque e Galibi-Marworno selecionarão cerca de 190 objetos que comporão o acervo da mostra. O plano de trabalho para a preparação do evento conta com a assessoria da antropóloga e curadora

através de cenas do vídeo "A Arca dos Zo'é", a identificação de semelhanças e diferenças entre um grupo de Wajãpi e o povo de Zo'é. A participação nessas atividades deve ser previamente agendada (tel.:2286-8899 ramal 238 e 239) e custa 4 reais por estudante. Outras programações estão sendo organizadas.

Ainda para as escolas, o Museu do Índio oferece o Kit de empréstimo "Índio no Rio de Janeiro", que reúne informações sobre a presença indígena no Estado em diferentes épocas. O Kit, direcionado para o ensino Fundamental, contém livros, vídeo, mapas, fotos e material impresso com notícias e dicas de onde encontrar mais informações sobre o assunto. A seleção do conteúdo permite uma abordagem multidisciplinar, relacionando, sobretudo, História, Música, Artes e Geografia. O valor do empréstimo é de 10 reais e vale por uma semana.

MUSEU AO VIVO

Ano XV - nº26 - Janeiro de 2004 a Janeiro de 2005

Informativo do Museu do Índio / FUNAI

Editado pela Assessoria de Comunicação Social
Museu do Índio

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Justiça

Márcio Thomaz Bastos

Presidente da Funai

Mércio Pereira Gomes

Diretor do Museu do Índio

José Carlos Leinho

Assessoria de Comunicação Social

Cristina Botelho (Reg. Prof. 18.678)

Rosângela Abrahão (Reg. Prof. 19.267)

Redação

Cristina Botelho, Flávia Reis,

Renata Lobo, Rosângela Abrahão

Fotos

Flávia Reis e Paulo Múmia

Programação Visual

JPM Empreendimentos Comerciais e Serviços Ltda

Tiragem

5 mil exemplares

e-mail

comunicacao@museudoindio.gov.br

site

www.museudoindio.gov.br

Rua das Palmeiras 55, Botafogo - RJ - CEP 22270-070

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas



UNESCO apóia Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Wajãpi

O Museu do Índio é um dos órgãos responsáveis pela execução do *Plano de Salvaguarda das Expressões orais e gráficas dos Wajãpi do Amapá*, financiado pela Unesco para implementação no período de 2005 a 2007. A arte gráfica dos índios Wajãpi foi inscrita no livro de Registros de Formas de Expressão, integrando o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, por indicação do Museu do Índio e de lideranças Wajãpi ao Ministério da Cultura em 2002. Esta arte foi reconhecida pela Unesco como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade em 2003.

O programa de atividades proposto vai consolidar linhas de ação que já vêm sendo desenvolvidas na comunidade Wajãpi com o apoio do Museu do Índio/Funai, IPHAN/Ministério da Cultura e Programa Petrobrás Cultural. Além de recursos financeiros, a parceria garante suporte técnico à equipe do Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, que apóia ações do Conselho das Aldeias Wajãpi / APINA na área indígena. O Núcleo de História Indígena e do Indigenismo – NHII da Universidade de São Paulo, que há anos trabalha em estreita colaboração com o Iepé, também desenvolve atividades junto aos Wajãpi.



MV: Qual a expectativa da UNESCO ao patrocinar um projeto como o Plano de Salvaguarda das Expressões Oraís e Gráficas dos Wajãpi do Amapá?

Jurema: Medidas e atividades de salvaguarda são exaustivamente tratadas pela *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, aprovada pela UNESCO em 2003, que prevê inclusive a criação de um fundo para este fim.

A *Proclamação das Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade*, ação de divulgação e valorização do patrimônio imaterial que vem sendo implementada pela UNESCO desde 2001, estabelece que a existência de planos de salvaguarda é pré-condição para a inscrição de uma determinada manifestação cultural na categoria de patrimônio oral e imaterial da humanidade. Nada mais coerente do que apoiar a realização destes planos, especialmente em se tratando de uma manifestação proclamada pela UNESCO como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, como é o caso das Expressões Gráficas e Oraís dos Wajãpi do Amapá.



mitos - Arikima Wajãpi /2000



MV: Em que sentido a implantação desse plano trará mudanças para a comunidade indígena Wajãpi?

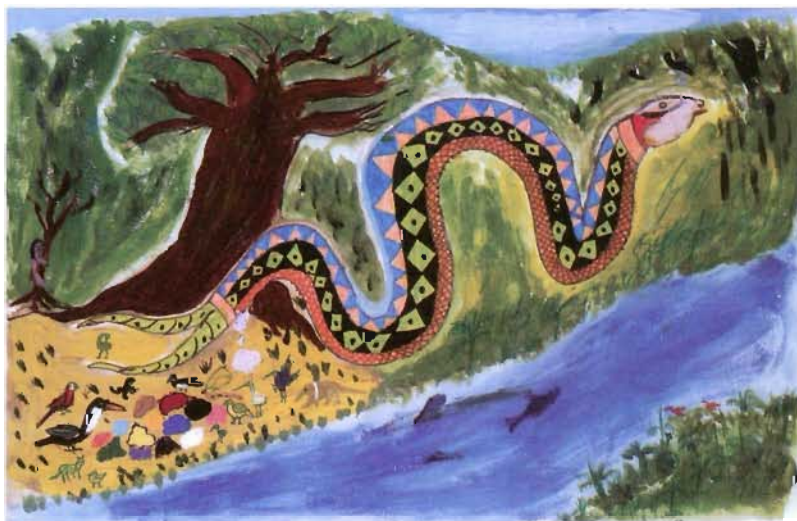
Jurema: Além de prevenir contra os eventuais impactos causados pela notoriedade resultante da Proclamação e do Registro, o Plano de Salvaguarda trabalhará com campanhas de sensibilização e de informação locais e nacionais, com a sistematização de dados etnográficos e lingüísticos e com a difusão do patrimônio imaterial dos Wajãpi e de outros grupos indígenas brasileiros. É importante notar que o Plano adota como princípio que os Wajãpi sejam os protagonistas desse processo e, para tanto, investe na formação, dentre os membros daquela comunidade indígena, de professores bilingües, agentes de saúde, documentaristas, cinegrafistas e pesquisadores dedicados à temática da gestão dos recursos naturais do seu território. Outra meta importante, não apoiada com recursos da UNESCO, mas já viabilizada pela Petrobrás, é a construção e implantação, nas terras Wajãpi, do *Centro de Documentação e Formação Wajãpi*, que constituirá o núcleo de referências culturais desta comunidade.



MV: Qual a importância da existência de projetos voltados para a conservação das tradições indígenas na atualidade?

Jurema: O principal tema da agenda da UNESCO para a cultura na atualidade é a preservação da diversidade cultural. Desta premissa advém uma série de ações, programas e projetos e, em especial, a proposição de uma Convenção para a Proteção da Diversidade dos Conteúdos Culturais e Expressões Artísticas, em processo de discussão e com perspectivas de aprovação na Conferência Geral de 2005. A preservação das tradições indígenas, ameaçadas pelos processos de desenvolvimento e globalização da economia, é uma das mais evidentes metas quando se pensa em diversidade cultural, tema com que a UNESCO vem trabalhando há vários anos, inclusive com grande ênfase na questão das línguas indígenas.

* Coordenadora de Cultura da Representação da UNESCO no Brasil.



kusiwa: pintura corporal e arte gráfica Wajãpi - Makarato Wajãpi/2000



Máscara Bakairi (MT)

Vocabulário controlado de cultura material dos índios no Brasil

Dilza Fonseca da Motta *

Não existe linguagem mais completa e eficaz do que a linguagem natural – aquela que usamos no dia-a-dia para nos comunicarmos. Além das palavras que trocamos, uns com os outros, ela é cheia de outros atributos que a enriquecem. E o que garante isso é o fato de estarmos presentes na hora da comunicação, já que, quando falamos, imprimimos entonações diferentes às palavras, gesticulamos, rimos, enfim, complementamos o que queremos dizer com expressões corporais e vocais. Daí a riqueza dessa linguagem. Claro está que existem falhas, também, na comunicação feita com a linguagem natural (em geral, de ordem conceitual), mas seus recursos são tantos que até pessoas que não falam a mesma língua são capazes de se entender.

Será que o mesmo pode ser observado quando se trata de comunicação entre pessoas e sistemas de recuperação de informações? Com certeza, não. E por quê? Por um lado, a linguagem natural é repleta de palavras diferentes, mas que têm o mesmo significado; por outro, ela contém muitas palavras iguais, mas que significam coisas diferentes. Por exemplo, se um pesquisador se dirige a um serviço de informação agrícola, que utilize a linguagem natural para tratar seus documentos, e faz uma pesquisa sobre “aipim”, é provável que ele obtenha informação sobre documentos indexados pelo termo “aipim”, mas também é provável que ele perca informação sobre documentos que possam ter sido indexados por “aipi”, “uaipi”, “castelinha”, “maniva”, “maniveira”, “pão-de-pobre”, “mandioca”, “macaxeira” e outros tantos termos sinônimos, todos significando “tubérculo rico em amido, usado na alimentação”. Mas, como o controle dos termos não foi feito, nesse caso específico o

controle da sinonímia, o pesquisador, certamente, terá perdido grande parte da informação, existente, mas não disponível. É bom lembrar que o auxílio prestado pelos profissionais da informação (bibliotecários, documentalistas etc.) na realização de uma pesquisa fica cada vez mais escasso, já que grande parte das bases de dados contendo informações disponíveis para consulta está automatizada, fazendo com que o pesquisador deva “entender-se” diretamente com os computadores.

No Museu do Índio a situação ainda não é diferente. Trata-se de uma instituição com um acervo enorme sobre etnologia indígena e política indigenista brasileira com a informação já disponibilizada em bases de dados automatizadas, mas com graves problemas quanto à terminologia usada na indexação de sua documentação por falta de padronização vocabular. Uma pesquisa sobre os índios do Brasil, por exemplo, poderá ser encontrada sob os termos: “índios”, “povos indígenas”, “povoações indígenas”, “indígenas”, ou “grupos indígenas”; uma outra, sobre “política de terras para os índios”, estará dispersa sob os termos: “terras”, “terras indígenas”, “questão de terras”, “áreas indígenas” ou “terra”.

Esses problemas apontaram para a necessidade de se desenvolver um instrumento de controle vocabular, de modo que todos os profissionais que tratam a informação contida nos documentos (peças museológicas, livros, periódicos, fotos, documentos arquivísticos textuais) “falem” a mesma língua ao organizá-los. A solução encontrada foi a construção de um tesouro – instrumento destinado ao controle dos termos usados para indexação e recuperação da informação contida num acervo documental, termos esses relacionados, hierárquica e semanticamente, sobre determinada área do conhecimento.

Dando prosseguimento à ação de apoio à proteção do patrimônio cultural indígena que, juntamente com os direitos indígenas, constituíram-se prioridade para o Museu, a Diretoria da Instituição, desde 2002, sugeriu que o Tesouro contemplasse, inicialmente, a área de cultura material (peças) indígena brasileira.

O Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil foi desenvolvido, em 2003, a partir dos

termos já utilizados pelo Serviço de Museologia do Museu do Índio para catalogação de suas peças que, na sua maioria, são os mesmos registrados por Berta Ribeiro em sua obra “Dicionário do Artesanato Indígena” publicado em 1988. Embora tenha sido concebido originalmente para atender as necessidades do Museu do Índio, ele se constitui numa ferramenta importante para tratamento e recuperação da informação sobre cultura material de etnias indígenas, podendo ser usado por instituições congêneres e por interessados pelo assunto. O Museu do Índio pretende, em breve, publicar esse trabalho.

** Bibliotecária e Mestre em Ciência da Informação pela UFRJ (Profissional da Informação a serviço do Museu do Índio com recursos do Projeto 914 BRA3018 da UNESCO)*

INFORME

Preservação de acervo

O Serviço de Museologia vai receber, em breve, mais um reforço na revitalização e modernização de suas Reservas Técnicas. Com o patrocínio da Vitae, já está garantida a aquisição de um armário deslizante que vai permitir o acondicionamento adequado do acervo de arcos, flechas e bordunas. O móvel vai abrigar as 1.451 peças de forma a possibilitar um acesso mais rápido ao objeto e uma visualização total do acervo, contribuindo para o melhor controle de pragas. A reorganização dos objetos vai duplicar o espaço que atualmente é utilizado, garantindo rapidez na seleção de peças para exposições e pesquisas sobre as sociedades indígenas brasileiras.

O projeto do SEMU se insere na política adotada pelo Museu do Índio de se adequar aos padrões internacionais e usar os mais modernos recursos tecnológicos na preservação e divulgação de seus acervos.